

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DE ALAGOAS
LETRAS PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
CAMPUS III - POLO PALMEIRA DOS ÍNDIOS**

ARTALA VASCONCELOS

**A PRESERVAÇÃO DA POESIA ORAL NO TERRITÓRIO INDÍGENA TINGUI-
BOTÓ**

**PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL
2025**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DE ALAGOAS
LETRAS PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
CAMPUS III - POLO PALMEIRA DOS ÍNDIOS**

ARTALA VASCONCELOS

**A PRESERVAÇÃO DA POESIA ORAL NO TERRITÓRIO INDÍGENA TINGUI-
BOTÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL,
como requisito parcial para a obtenção da
titulação de licenciada em Letras do Curso de
Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas
– CLIND, sob a orientação da Profa. Dra.
Sanádia Gama dos Santos

**PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL
2025**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DE ALAGOAS
LETRAS PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS
CAMPUS III - POLO PALMEIRA DOS ÍNDIOS

ARTALA VASCONCELOS

**A PRESERVAÇÃO DA POESIA ORAL NO TERRITÓRIO INDÍGENA TINGUI-
BOTÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, como requisito parcial para a obtenção da titulação de licenciada em Letras do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, sob a orientação da Profa. Dra. Sanádia Gama dos Santos.

Aprovado em 12 de abril de 2025

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sanádia Gama dos Santos
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Betânia da Rocha de Oliveira
(1ª Leitora Crítica)

Profa. Dra. Iraci Nobre da Silva
(2ª Leitora Crítica)

PALMEIRAS DOS INDIOS - AL
2025

Dedico este trabalho ao meu filho, fonte de amor e inspiração constantes. À minha família, especialmente às minhas irmãs, pelo apoio incondicional em todos os momentos. E à comunidade Tingui, por me ensinar diariamente a importância da ancestralidade, da coletividade e da resistência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Universidade e aos professores que, com dedicação e sabedoria, contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal.

Ao meu filho, cuja existência me fortalece e me motiva a seguir em frente, mesmo diante dos desafios. Às minhas irmãs e à minha família, pelo amor, incentivo e presença constante. Aos amigos e amigas, pelo companheirismo, pelas trocas sinceras e pelos momentos de escuta e partilha.

Agradeço especialmente à comunidade Tinguí, por acolher minha caminhada, por manter vivas as raízes culturais e por mostrar, na prática, o valor da sabedoria ancestral.

E, por fim, a todos e todas que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa jornada.

Meu mais sincero muito obrigada!

Deus é a minha salvação.
Terei confiança e não temerei
Isaías 12:2

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco o estudo da preservação da poesia oral na aldeia indígena Tingui-Botó, localizada no povoado Olho D'Água do Meio, na divisa entre os municípios de Feira Grande e Campo Grande, evidenciando sua importância para a manutenção da identidade cultural e da memória coletiva. A comunidade preserva práticas tradicionais e mantém uma forte conexão com o território. Embora o português seja a língua predominante, a oralidade poética em dialeto Kariri é essencial nos rituais sagrados, como o Ouricuri, reforçando a cultura e a espiritualidade da comunidade. A metodologia adotada iniciou-se com uma revisão bibliográfica, utilizando trabalhos como os de Silva, Pereira e Amorim (2023) e Souza (2020), seguida de uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas realizadas com 13 membros da comunidade. O objetivo foi documentar as práticas de oralidade poética e analisar seus contextos socioculturais, com a etapa de campo ocorrendo entre agosto e setembro de 2024. Os resultados evidenciam que a poesia oral desempenha um papel fundamental na transmissão de histórias e mitos, embora enfrente desafios decorrentes das transformações culturais. A pesquisa sugere a implementação de estratégias como a inclusão das tradições orais no currículo escolar indígena e a promoção de oficinas culturais intergeracionais, visando à continuidade e valorização da oralidade poética.

Palavras-chave: oralidade; poesia indígena; cultura Tingui-Botó; preservação cultural; tradição.

ABSTRACT

This research focuses on the preservation of oral poetry in the Tingui-Botó Indigenous village, located in the municipality of Feira Grande, Alagoas, highlighting its importance in maintaining cultural identity and collective memory. The community preserves traditional practices and maintains a strong connection with the territory. Although Portuguese is the dominant language, poetic orality in the Kariri dialect plays an essential role in sacred rituals, such as the Ouricuri, reinforcing the community's culture and spirituality. The methodology began with a literature review, based on works such as Silva, Pereira, and Amorim (2023) and Souza (2020), followed by qualitative research through interviews with 13 community members. The aim was to document oral poetic practices and analyze their sociocultural contexts, with fieldwork carried out between August and September 2024. The results show that oral poetry is crucial for the transmission of stories and myths, although it faces challenges due to cultural changes. The study suggests implementing strategies such as including oral traditions in the Indigenous school curriculum and promoting intergenerational cultural workshops to ensure the continuity and appreciation of oral poetry.

Keywords: orality; Indigenous poetry; Tingui-Botó culture; cultural preservation; tradition.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ESPAÇOS DE MANUTENÇÃO DA POESIA ORAL INDÍGENA.....	10
2.1 Tradição oral: Campo escolar.....	10
2.2 Tradição oral: rituais e festividades.....	11
2.3 Aspectos territoriais e culturais do povo indígena Tingui-Botó.....	12
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
4 CONCLUSÃO	17

1 INTRODUÇÃO

Em comunidades indígenas, a manutenção da identidade cultural e da memória coletiva ocorre, frequentemente, por meio da preservação da poesia oral (Assumpção; Castral, 2022). No estado de Alagoas, entre as doze etnias reconhecidas, destaca-se o povo Tingui-Botó, cuja comunidade está localizada no agreste alagoano, entre as Serras do Cachimbo e Marabá, no povoado Olho D'Água do Meio, na divisa entre os municípios de Feira Grande e Campo Grande. Trata-se de um território marcado por rica diversidade cultural e ambiental (Silva, 2020).

Embora a língua predominante entre os Tingui-Botó seja o português, com características do português rural nordestino, durante os rituais sagrados do Ouricuri, a comunidade utiliza um dialeto da antiga língua Kariri. É por meio dessa oralidade ancestral - expressa em cantos e orações - que se perpetua a principal marca identitária do povo Tingui-Botó, conferindo à poesia oral um papel fundamental na preservação da memória coletiva e na continuidade do saber ancestral, especialmente entre anciãos e líderes espirituais, considerados guardiões dessas tradições (Albuquerque; Wagner; Silva, 2023).

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo investigar a presença e as características da poesia oral na aldeia Tingui-Botó. Adota-se, para isso, uma abordagem metodológica qualitativa, com base em entrevistas semiestruturadas. Conforme Minayo (1994, p. 21), esse tipo de abordagem “[...] responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Busca-se, assim, identificar as práticas de oralidade poética, os contextos em que se manifestam e seu papel na vida social e cultural da comunidade.

O trabalho de campo foi conduzido entre os meses de agosto e setembro de 2024, considerando a disponibilidade dos participantes. Ao todo, foram entrevistadas 13 pessoas, entre professores, líderes comunitários e integrantes da comunidade com idade superior a 40 anos. Cada entrevista teve duração média de 30 minutos. Todos os participantes foram previamente informados sobre os objetivos do estudo, garantindo-se os princípios éticos da pesquisa. Para isso, utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme modelo apresentado no Anexo 1. A participação só foi autorizada após a assinatura do referido termo.

Este trabalho está organizado em duas seções principais. A primeira, intitulada *“Espaços de manutenção da poesia oral indígena: aspectos territoriais e culturais do povo*

Tingui-Botó”, fundamenta-se em autores como Silva, Pereira e Amorim (2023), e Souza (2020). A segunda seção apresenta e discute os resultados da pesquisa empírica, com base nas observações e falas dos entrevistados, evidenciando a relevância da poesia oral para a resistência cultural do povo Tingui-Botó.

2 ESPAÇOS DE MANUTENÇÃO DA POESIA ORAL INDÍGENA

2.1 Tradição oral: Campo escolar

A oralidade poética, ou poesia oral, constitui uma forma de expressão literária profundamente enraizada na tradição oral (Xavier; Carvalho Sousa, 2022). Trata-se de uma prática mediante a qual histórias, mitos, lendas e conhecimentos são transmitidos entre gerações, utilizando a voz e a performance como principais instrumentos de comunicação. Ao contrário da poesia escrita, fixada no suporte textual, a poesia oral depende da memória coletiva e da interação entre o narrador e o seu público. Essa forma de manifestação cultural possui valor inestimável na preservação da identidade e dos saberes ancestrais de diversos povos, sobretudo daqueles que mantêm, historicamente, uma relação profunda com suas tradições orais (Souza, 2020).

Tal relação se manifesta, inclusive, no campo escolar, sobretudo no processo de alfabetização, quando muitas crianças têm seu primeiro contato com a literatura por meio de narrativas orais. As histórias ouvidas e reproduzidas no ambiente doméstico ou comunitário constituem um poderoso instrumento de iniciação literária. Como observa Vale (2001, p. 43):

As narrativas infantis abrangem várias espécies literárias, que podem ser agrupadas, quanto à origem, em folclóricas e artísticas. Na primeira, incluem-se as histórias criadas coletivamente pelo povo em diferentes épocas, como fábulas, contos populares, lendas e contos de fadas tradicionais.

Esse processo de escuta ativa no espaço escolar contribui para a valorização dos saberes culturais prévios das crianças, enriquecendo sua formação literária e fortalecendo a identidade cultural no processo educativo. Silva, Pereira e Amorim (2023, p. 1) destacam que se trata de “um conhecimento transmitido oralmente, por meio da observação e da prática, num processo dinâmico que atende às necessidades de uma determinada comunidade”.

Essa perspectiva é complementada por Souza (2020), que argumenta que a oralidade ultrapassa a função de mera transmissão de informações, estando profundamente ligada à preservação de uma cosmovisão específica, conectada ao território, às práticas cotidianas e ao ambiente natural. Nas comunidades indígenas, a palavra falada ocupa um papel central na transmissão de saberes.

Eigenbrod e Hulan (2008, p. 7) também destacam o papel estruturante da oralidade:

“As tradições orais constituem o alicerce das sociedades indígenas, conectando orador e ouvinte em uma experiência comum e unindo o passado e o presente na memória.”

Com o advento da cultura ocidental e a imposição da escrita alfabética, a tradição oral indígena passou por alterações significativas. Conforme Souza (2020, p. 20):

A escrita alfabética não foi, em um primeiro momento, a forma de expressão literária utilizada pelas Primeiras Nações [...] foi por meio da oralidade que os povos indígenas contavam suas histórias, cantavam suas músicas, declamavam seus discursos e seus poemas [...] a prática de escrita por meio do alfabeto começou a ser imposta a essas comunidades com o processo de colonização.

Apesar das interferências externas, a tradição oral não foi suprimida. Ao contrário, permanece como forma de resistência cultural e preservação identitária, especialmente no ambiente escolar indígena. De acordo com Silva, Pereira e Amorim (2023), o conhecimento tradicional, transmitido oralmente e sustentado por práticas observacionais, constitui um processo dinâmico que se adapta às necessidades da comunidade.

A esse respeito, Ezeanya-Esiobu (2019) chama a atenção para o preconceito epistêmico que relega o saber indígena a um lugar inferior na hierarquia do conhecimento, frequentemente rotulando-o como “primitivo”, “atrasado” ou “não científico”. Tais classificações reforçam uma visão eurocêntrica e deslegitimam formas alternativas de saber.

2.2 Tradição oral: rituais e festividades

Os rituais e as festividades desempenham papel central na manutenção da identidade cultural e na preservação da poesia oral nas comunidades indígenas. Tais eventos não apenas promovem a convivência comunitária, mas também funcionam como espaços privilegiados para reviver e transmitir narrativas, cantos e poemas que preservam o conhecimento ancestral. Nos rituais, a palavra falada adquire um valor simbólico e espiritual singular (Torres; Costa, 2020).

Durante essas celebrações, anciãos, líderes espirituais e outros membros respeitados da comunidade recitam histórias dos antepassados, entoam cantos tradicionais e declamam poemas que expressam a cosmovisão do grupo. Tais manifestações orais, majoritariamente transmitidas por gerações, contêm ensinamentos sobre a origem do povo, sua relação com a natureza e com os ciclos da vida (Cornélio, 2023).

As festividades, por sua vez, representam momentos de renovação cultural. A dança, a música e a poesia oral reafirmam os vínculos comunitários e fortalecem a identidade coletiva. Nessas ocasiões, mitos e lendas são revividos por meio da palavra falada, garantindo a continuidade da memória cultural.

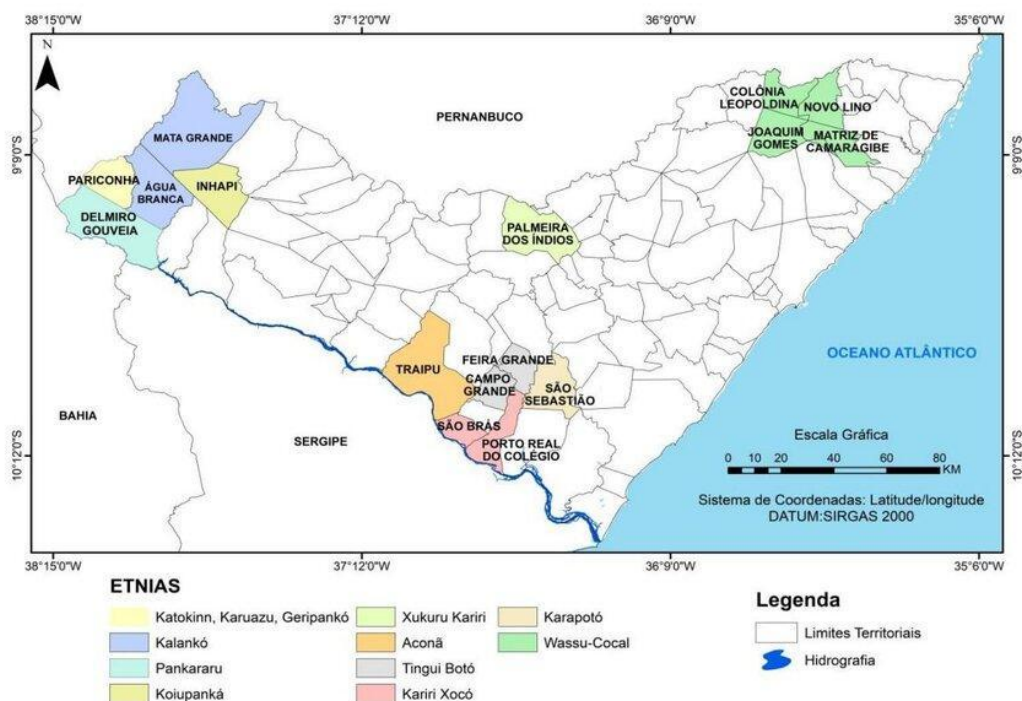
É importante salientar que a oralidade, nesses contextos, não se restringe à função informativa. Trata-se de uma experiência sensorial e afetiva, na qual o tom de voz, a entonação, os gestos e o ritmo desempenham papel fundamental na transmissão do conhecimento. Cada performance poética ou narrativa representa uma vivência única, que reforça a ligação da comunidade com sua ancestralidade (Andrade, 2020).

2.3 Aspectos territoriais e culturais do povo indígena Tingui-Botó

O povo indígena Tingui-Botó constitui um subgrupo Kariri, originário da região de Porto Real do Colégio, Alagoas. Conforme registros de Duarte e Hohenthal, em 1940, o curandeiro João Botó migrou com sua família para o Sítio Olho D'Água do Meio, no município de Feira Grande. Ao chegar à região, depararam-se com uma árvore chamada “tingui”, utilizada na pesca tradicional. Da junção do nome da árvore com o nome do pajé formou-se a designação “Tingui-Botó”.

Em 1983, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) iniciou o processo de demarcação da terra indígena. No ano seguinte, intermediou a aquisição de 61,5 hectares das fazendas Boa Cica (30 ha) e Olho D'Água do Meio (31,5 ha), anteriormente pertencentes a Waldomiro Alves de Almeida. A comunidade iniciou imediatamente a ocupação da área, construindo moradias, criando animais e cultivando alimentos como milho, feijão, fumo, mandioca e batata-doce, tanto para subsistência quanto para comercialização (Vieira, 2023).

Atualmente, o território Tingui-Botó abrange cerca de 530 hectares, situado entre as Serras do Cachimbo e Marabá, no povoado Olho D'Água do Meio, na divisa entre os municípios de Feira Grande e Campo Grande. A aldeia abriga aproximadamente 450 pessoas distribuídas em 98 famílias, conforme informações de Ricardo Tingui-Botó, filho do cacique Eliziano de Campos (Silva, 2020), como demonstrado na Figura 1.

Figura 1: Localização da comunidade indígena Tingui-Botó

Fonte: Santana; Nascimento (2023).

Atualmente, a comunidade é composta por aproximadamente 450 indivíduos, distribuídos em 98 famílias, segundo informações de Ricardo Tingui-Botó, filho do atual cacique Eliziano de Campos (Eryanae Tantinan). Embora o português seja a língua usada cotidianamente pelos Tingui-Botó, em seus rituais sagrados, utiliza-se a língua ancestral Dzubukuá, considerada um dos dialetos da língua Kariri, da qual são descendentes.

Ferreira (2009) destacam que, para os Tingui-Botó, o Ouricuri é o verdadeiro espaço de afirmação de sua identidade indígena, sendo inacessível a não-indígenas. O autor cita a fala de Sabaru: “Só se pode conhecer os Tingui-Botó no Ouricuri”, reforçando a profunda conexão entre o ritual e a identidade da comunidade. Esse espaço sagrado é essencial para a preservação das tradições e práticas religiosas, sendo a mata sagrada um símbolo fundamental da continuidade cultural do povo Tingui-Botó.

A comunidade conta com uma infraestrutura básica, que inclui um posto de saúde, espaços comunitários, como a oca, e a Escola Estadual Indígena Tingui-Botó, que oferece ensino da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I. Além disso, destaca-se pela produção e comercialização de artesanato e pela agricultura. A batata-doce é a principal cultura destinada à venda, enquanto a macaxeira, o feijão, o milho e o amendoim são cultivados para o consumo interno. A prática agrícola, passada entre gerações, tem início desde a infância: as crianças começam a auxiliar nas roças a partir dos sete anos, contribuindo com o sustento da família. A

produção de mandioca é também significativa e culmina na tradicional farinhada, realizada em outubro, uma atividade coletiva que fortalece os laços sociais e culturais (Fonseca *et al.*, 2021).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo das entrevistas, evidenciou-se que o povo Tingui-Botó realiza e cultua rituais tradicionais nos quais a oralidade se manifesta como principal instrumento de transmissão de saberes. Quando questionada sobre a importância da poesia oral, a moradora Maria afirmou: “A poesia oral é a nossa memória, o que a gente carrega desde os antigos. O Ouricuri é uma transmissão da poesia oral. Eu sigo os ensinamentos que meu pai me ensinou e todos da comunidade também” (Maria, 26/08/2024).

A fala de Maria apresenta a poesia oral como um repositório vivo da memória coletiva. Nos contextos indígenas, a oralidade preserva histórias, mitos e saberes ancestrais. Entre os Tingui-Botó, ela conecta gerações, fortalecendo a identidade histórica e cultural do grupo. A moradora ainda complementa: “Quando cantamos e recitamos, estamos chamando nossos ancestrais, e isso nos fortalece” (Maria, 26/08/2024).

Essa declaração revela a dimensão espiritual da poesia oral. Os rituais não são apenas eventos culturais, mas também são vivências sagradas, que evocam a presença ancestral e sustentam o pertencimento coletivo.

João Silva, morador e funcionário da comunidade, ressaltou: “A poesia a gente vê no nosso dia a dia. No nosso momento no Ouricuri, lá mesmo a gente canta, dança o que aprendeu com nossos pais. As crianças aprendem a poesia nas cerimônias, mas também em casa, ouvindo. A poesia oral é importante para nossa cultura” (João Silva, 29/08/2024).

A transmissão da poesia oral acontece em diversos espaços e contextos, formais e informais, sendo os mais velhos os principais mediadores desse saber. O professor Marcos, auxiliar da escola indígena, reforçou: “Além de ser uma expressão cultural e espiritual, a poesia oral cumpre uma função pedagógica dentro da comunidade. Ao narrar histórias, mitos e lendas, a poesia oral transmite lições de moral e valores fundamentais, como o respeito aos mais velhos e às tradições” (Marcos, 03/09/2024).

E acrescenta: “A poesia oral faz parte do ritual do Toré que ocorre no Ouricuri, e sem ela, o ritual não estaria completo” (Marcos, 03/09/2024).

O Toré, rito típico dos povos do Nordeste, é uma dança acompanhada por cantos sagrados realizada no Ouricuri, um espaço de floresta preservado como mata sagrada. A proteção e reflorestamento desse ambiente são vistos como formas de preservar os “guardiões”, entidades espirituais ligadas à cosmologia Tingui-Botó. Os preparativos do ritual incluem abstinências e restrições, sendo vedada a participação de não-indígenas (Ferreira, 2009).

Segundo Munduruku (2009), a oralidade é um processo complexo, que vai além do simples ato de falar. A palavra falada está intrinsecamente ligada ao corpo, à emoção e à experiência coletiva. Ivaneide, outra moradora, afirmou: “Lá ganho energia, minha fé fica forte! A gente canta, o canto faz a gente dançar. Sinto que vivo em paz lá dentro” (Ivaneide, 03/09/2024).

A preocupação com a continuidade da tradição surge na fala de José Santos: “As crianças gostam de ouvir, mas nem sempre querem aprender a repetir. Precisamos incentivar mais” (José Santos, 03/09/2024).

Essa observação aponta para o desafio contemporâneo de manter o interesse das novas gerações pelas tradições orais. As influências da vida moderna competem com os rituais tradicionais, ameaçando a transmissão intergeracional. Ele complementa: “Quando a gente canta, a gente sente que está protegendo nossa história do esquecimento. Os mais velhos dizem que, se não continuarmos com a poesia, perderemos a nossa alma indígena” (José Santos, 03/09/2024).

Para os Tingui-Botó, a perda da oralidade significa a perda de sua essência identitária. Marta, outra moradora, expressa: “A poesia oral está dentro da gente. Ela é nossa forma de contar o que somos para o mundo” (Marta, 03/09/2024).

Essa afirmação reforça a função da poesia oral como um instrumento de comunicação cultural e política. Ao pesquisar sobre estudos semelhantes, identificou-se a dissertação de Fernanda Andrade Silva (2020), que trata da oralidade e apresenta e-book e materiais audiovisuais, embora não tenham sido localizados os links de acesso aos vídeos. Por fim, o morador Antônio sugere: “Seria interessante se mais estudos fossem realizados para documentar a oralidade na nossa comunidade. Assim, poderíamos preservar melhor nossas tradições e histórias” (Antônio, 03/09/2024).

Essa recomendação ressalta a importância de estudos etnográficos e educacionais que valorizem, registrem e fortaleçam os saberes orais da comunidade.

4 CONCLUSÃO

A poesia oral entre os Tingui-Botó é uma prática cultural, espiritual e pedagógica essencial. Seu papel é central na transmissão de saberes, mitos e valores morais. Durante os rituais, como o Ouricuri, a oralidade assume função sagrada, conectando passado e presente.

As entrevistas revelaram que, apesar de viva, a poesia oral enfrenta o desafio do desinteresse de parte da juventude. A influência crescente da tecnologia e do cotidiano urbano pode afastar os jovens das práticas tradicionais. Essa realidade, comum em diversas comunidades indígenas, exige a elaboração de estratégias de revitalização cultural.

Como sugestão para pesquisas futuras, destaca-se a necessidade de documentação da oralidade poética, por meio de estudos acadêmicos, produção de materiais audiovisuais e projetos educativos que incorporem a poesia oral ao currículo escolar. Também é recomendada a promoção de oficinas com participação dos anciãos, para que compartilhem saberes com os jovens.

A continuidade da tradição oral não apenas assegura a preservação da identidade do povo Tingui-Botó, como também contribui para o fortalecimento de sua herança cultural diante dos desafios contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. F.; WAGNER, B.; SILVA, E. F. C. Formas de narrar: memória e história oral das/nas Amazônia. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v. 11, n. 1, 2023.
- ANDRADE, L. E. A. Novenas, sambas e torés: rede ritual, tradição de conhecimento e identidade indígena Kapinawá. **Revista Mundaú**, n. 8, p. 139-162, 2020.
- ASSUMPÇÃO, A. L.; CASTRAL, P. C. Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade. **Revista Memória em Rede**, v. 14, n. 27, p. 6-32, 2022.
- CORNÉLIO, S R. Simbolismo e ritual indígena nas sublevações na Audiencia de Quito. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 23, 2023.
- EZEANYA-ESIOBU, C. Conhecimento e educação indígenas na África. **Cham: Springer Nature**, 2019. p. 115.
- EIGENBROD, R.; HULAN, R. A layering of voices: Aboriginal oral traditions. In: EIGENBROD, R.; HULAN, R. (orgs.). *Aboriginal Oral Tradition: Theory, Practice, Ethic*. **Michigan: Fernwood Publishing**, 2008. p. 7–12.
- FONSECA, S. S *et al.* A ETNOMATEMÁTICA NA CULTURA DA BATATA DOCE NA ALDEIA INDÍGENA TINGUI BOTÓ/AL. **REVISTA ELETRÔNICA EXTENSÃO EM DEBATE**, v. 8, n. 10, 2021.
- FERREIRA, A. L. **Para outra geração: um estudo de antropologia visual sobre crianças entre os Tingüi-Botó (AL)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- MUNDURUKU, D. *O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 93.
- SANTANA, P; NASCIMENTO, A. M. Da comunidade ao ensino superior: uma travessia (de saberes) Xokós, Sertão do São Francisco, Alagoas, 2010-2022. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 17, n. 33, p. 204–223, 2023. DOI: 10.61895/pl.v17i33.19799. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/19799>. Acesso em: 5 out. 2024.

SILVA, F. A. Os sons Tingui-Botó: cultura e identidade indígena em Alagoas. In: SILVA, F. A. (org.). Os sons Tingui-Botó: ebook multimídia para o ensino de história indígena em Alagoas. 2020.

SILVA, C.; PEREIRA, F.; AMORIM, JP. A integração do conhecimento indígena na escola: uma revisão sistemática. *Compare: A Journal of Comparative and International Education* , 1–19. 2023. <https://doi.org/10.1080/03057925.2023.2184200>.

SOUZA, E. A literatura dos povos indígenas canadenses e a construção do conhecimento através da lenda e da tradição oral. **Revista Garrafa**, v. 18, n. 52, p. 225-246, 2020.

TORRES, C. A.; COSTA, M. O. . Povo indígena Apinajé: ritual da tora grande (párkaper). **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 5, 2020. DOI: 10.5216/racs.v5i.60382. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/60382>.

VIEIRA, J. L. G. Canal Do Sertão: Sobreposição Sobre territórios indígenas Efeitos socioeconômicos Sobre O Povo Karuazu. *Abya-Yala: Revista Sobre Acesso à Justiça E Direitos Nas Américas* 1 (1). 2023. <https://periodicos.unb.br/index.php/abya/article/view/47114>.

VALE, L. V. Pire. **Narrativas Infantis in Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano de ação**. Organizado por SARAIVA. Juracy Assmann. Porto Alegre: Artmed, 2001.

XAVIER, L.S; CARVALHO SOUSA, D. Veredas epistêmicas e metodológicas da poesia oral. **Tabuleiro de Letras**, v. 16, n. 1, p. 116-126, 2022.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: A preservação da poesia oral no território indígena Tingui-Boto

Pesquisador: Artala Vasconcelos

Instituição: Universidade Estadual de alagoas – UNEAL- licenciatura em Letras

Você está sendo convidado(a) para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado “**A preservação da poesia oral no território indígena Tingui-BotO**” de responsabilidade da pesquisadora **Artala Vasconcelos**.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo preservar e valorizar as práticas de poesia oral da etnia Tingui-Botó, com o intuito de fortalecer a identidade cultural, garantir a transmissão desses saberes às gerações futuras e ampliar o reconhecimento acadêmico da riqueza cultural indígena. A pesquisa também busca criar estratégias para salvaguardar essa tradição e assegurar que ela continue viva no cotidiano da comunidade. Trata-se de um projeto de grande importância para a memória coletiva e o fortalecimento da cultura oral dos povos indígenas.

2. A participação nesta pesquisa consistirá na comunidade Tingui-Botó, onde será realizado entrevistas com seu consentimento. As sessões ocorrerão na própria aldeia com duração aproximada de 30 minutos. Os participantes poderão contribuir compartilhando histórias, ou outras expressões de poesia oral, a coleta de dados será realizada por mim, Artala, em locais previamente acordados que ofereçam privacidade e conforto.

3. Durante a execução da pesquisa, poderão ocorrer riscos mínimos, relacionados à exposição emocional ao compartilhar memórias ou histórias pessoais. Esses riscos serão minimizados através de uma abordagem sensível e respeitosa, permitindo ao participante pausar ou encerrar a participação a qualquer momento. Qualquer desconforto ou dúvida será discutido e resolvido imediatamente. Conforme estabelecido pelas Resoluções CNS 466/12 e 510/16, serão tomadas todas as medidas necessárias para garantir o bem-estar dos participantes.

4. A participação nesta pesquisa trará benefícios diretos para a comunidade indígena Tingui-Botó ao contribuir para a preservação e valorização de sua tradição poética oral. Indiretamente, ajudará a disseminar e reforçar o conhecimento sobre a cultura indígena em ambientes acadêmicos e culturais mais amplos, promovendo o reconhecimento das práticas tradicionais e fortalecendo a identidade cultural da comunidade.

5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.

7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

8. O nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com _____, pesquisador (a) responsável pela pesquisa, telefone: _____, e-mail: _____, com os pesquisadores **Artala Vasconcelos**, com o Comitê de Ética em Pesquisa da Uniara, localizado na Rua Voluntários da Pátria nº 1309 - bloco C, no Centro da cidade de Araraquara-SP, telefone: (16) 3301.7263, e-mail: comitedeetica@uniara.com.br, atendimento de segunda a sexta-feira das 08h00min. – 13h00min. - 14h00min – 17h00min, e/ou com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP, telefone (61) 3315.5877, e-mail: conep@saude.gov.br.

Eu, _____, RG nº _____
_____ declaro ter sido informado e concordo em ser participante do
Projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade, ____ de _____ de 20____.